



**Andréia Alves Teixeira**

*andreiapsi07@gmail.com*

*Psicóloga Clínica. Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP).  
Professora da educação básica na rede pública municipal.*

# INCLUSÃO PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO



Baixar artigo

Sou professora da educação básica. Trabalhei na antiga Educação Pré-escolar no início da minha carreira no magistério e, desde 1998, atuo no Ensino Fundamental (antigo 1º grau). Atualmente, a Educação Básica é dividida em três etapas que englobam Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O Ensino Fundamental, obrigatoriamente de nove anos, está dividido em duas etapas: Fundamental I, do 1º ao 5º anos, e Fundamental II, do 6º ao 9º anos. Minha atuação é no Ensino Fundamental I, que atende crianças de seis a dez ou 11 anos.

Trabalho na rede pública de ensino de Taboão da Serra, município da grande São Paulo, em uma escola da periferia desse município. A escola funciona em três períodos diurnos no Ensino Fundamental I (manhã, intermediário e vespertino), atendendo cerca de 1200 alunos e um período noturno na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que atende jovens a partir de 15 anos de idade que não concluíram o Ensino Fundamental. A escola possui 12 turmas por período, com aproximadamente 35 alunos em cada sala.

As salas são dispostas em um andar que equivaleria a um subsolo e em outro que equivaleria ao 1º andar. No andar térreo se localiza o pátio/refeitório, banheiros, cozinha, secretaria e diretoria. No 1º andar está a biblioteca, utilizada para reforço escolar por uma hora em cada período por alguns professores para atender os alunos que participam desse reforço. E é dentro deste espaço, construído com divisórias de escritório, que funciona a sala do projeto: Grupo de Apoio Pedagógico Especializado (GAPes). Um projeto idealizado e desenvolvido pela professora Vilma Elísio Nascimento e por ela implementado em 2007, permanecendo por dois anos e tendo seu retorno, já mais estruturado, em 2014 também pelas mãos de sua genitora. O projeto tem como finalidade atender alunos que apresentem desempenho escolar muito abaixo do esperado e tenham dificuldade para se desenvolver mesmo frequentando os projetos de reforço. E foi devido a esse trabalho que conquistamos muito mais do que uma sala, mesmo que improvisada, dentro do espaço escolar.

Além de professora sou psicóloga e é a partir desses dois lugares que falarei da minha prática, considerando a educação dentro do campo da saúde mental. Saúde mental compreendida não apenas como o campo da psicopatologia, da doença mental e de seus tratamentos medicamentosos e psicoterápicos, mas no sentido amplo do termo. Saúde, no sentido em que Canguilhem o postula, como sendo a capacidade que o ser humano tem de gastar e conduzir a própria vida. Em outras palavras, da capacidade de autonomia para conduzir a vida e se conduzir na vida em busca da construção da felicidade. Assim, apresentarei neste relato, como a educação e o GAPes se relacionam com a saúde mental.

A sociedade mudou, os tempos mudaram, as necessidades são outras, as tecnologias criaram outro mundo, mas a escola é a mesma. Pouquíssimas são aquelas que se arriscaram a mudar. A grande maioria continua tal como foi inventada, quando não piorada, e a escola onde trabalho faz parte deste grande grupo: carteiras enfileiradas, um aluno atrás do outro, nuca à frente, todos sentados, espremidos entre uma carteira e outra por quatro horas seguidas, ouvindo e reproduzindo. "Cuidado! Se não reproduzir corretamente terá que apagar e fazer tudo de novo, quem mandou não prestar atenção?"; "Faça sozinho, não fique olhando o do colega, pense com sua cabeça!". É, mas estou sendo injusta quando digo que são quatro horas sentadas, ouvindo, existem preciosos 15 minutos. "Hora do recreio... Eeee!"; "Hora de brincar!". Só que não. Entra em ação os inspetores como profissionais indispensáveis para garantir que os alunos fiquem na fila, peguem o lanche, sentem, comam, tomem água, vão ao banheiro e voltem para a fila esperar o professor. "Anda logo, menino! Vai pra fila, não ouviu o sinal?".



*Sala de aula tradicional*

Nesse contexto em que nem na hora do recreio as crianças podem brincar e muito menos se sentir livres para fazer o que quiserem - note-se que elas não podem escolher deixar de comer para brincar - é que se insere o GAPES. Projetado com a prerrogativa de se constituir como uma espécie de "oásis", o paraíso para os alunos, onde eles vão poder brincar, escolher, arriscar e viver uma experiência de ensino-aprendizagem muito distinta daquela que tiveram até então na sala de aula regular. E como funciona o GAPES?

Meu trabalho com o aluno se inicia quando o professor me pede para dar uma “olhadinha” nele. Pergunto o que está acontecendo e o professor me conta um pouco sobre suas queixas: “não aprende”, apresenta pouca ou nenhuma “evolução” em seu desenvolvimento escolar, é “agressivo”, “agitado” ou “apático”, parece estar com a “cabeça no mundo da lua”, é “desobediente”, vive “se metendo em confusão”, dá respostas ou faz colocações “fora de hora” ou “inadequadas”, “não presta atenção”, é “muito falante”, fica o tempo todo “sentado na perna”, “preguiçoso”, “não sabe nada”, “não quer fazer nada” etc. Peço ao professor para preencher um questionário que o ajudará a pensar mais sobre o aluno e me ajudará a pensar por onde começar a avaliação.

Chamo o aluno dizendo-lhe que iremos conversar, pois eu gostaria de conhecê-lo e saber um pouco mais sobre ele. Então, aquele “ser” que supostamente precisaria de uma equipe multidisciplinar, um psiquiatra ou um “exorcista” para ser “consertado”, mostra-se como uma simples criança. Seguimos até a sala do GAPEs, onde a disposição dos móveis, o mobiliário e o material de trabalho para ser utilizado para ensinar são diferentes. Os alunos chegam à minha sala e demonstram gostar do que veem: jogos, brinquedos, mesas que possibilitam sentar em grupo, mas iremos também conversar, ao menos, a princípio. E aquele aluno que chega encaminhado pela queixa de um “nada saber” ou um “nada adequado”, mostra que tem muito a dizer. O que faço? Ouço.

Uma pergunta aqui, outra ali, sempre sobre ele. E então, terminada a conversa, o aluno volta à sala. E muitos já voltam diferentes, segundo dizem os professores. E a maneira que me recebem quando nos encontramos em qualquer outro espaço, dentro e por vezes fora da escola, é outra. A relação dele com a figura do que representa ser um professor começa a mudar a partir daquele encontro. E quanto mais o chamo para essa conversa e levo outros materiais, possibilito e oportunizo sua expressão, percebo mudanças na sua maneira de compreender e de se relacionar com o que lhe está sendo proposto e com seu modo de se colocar diante do que antes era dificuldade.

O trabalho é realizado considerando todos os envolvidos no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno dentro e fora da escola: professores, equipe gestora, funcionários que têm contato direto com o aluno, família, equipamentos de saúde e psicossociais (CAPS, UBS, CRAS) e, principalmente, ele mesmo. Com o aluno, busco retomar o prazer de aprender dentro do ambiente escolar, experimentar o sucesso nesse ambiente, retomar a confiança em suas próprias habilidades, sentir-se capaz. Os atendimentos são realizados duas vezes por semana, com duração de uma hora e meia cada, no turno ou no contraturno das aulas. Por meio de jogos e brincadeiras, busco ajudá-los na aquisição e no desenvolvimento de habilidades para prosseguirem o processo de aquisição da alfabetização das letras e dos números, o que só se torna possível quando começam a se sentir capazes, pertencentes e participantes da turma, quando começam a perceber o olhar de aprovação de professores e colegas, quando ouvem palavras de incentivo da família.

Os atendimentos são divididos em três momentos: conversa, leitura e jogos, planejados de acordo com as necessidades de cada grupo e de cada aluno em sua individualidade. As conversas têm tema livre. Disponibilizo o espaço para que falem livremente e vou mediando para garantir que todos participem e possam fazer colocações acerca do que está sendo dito pelo outro, ajude-o a pensar, coloque-se em outros lugares ao opinar e desenvolva empatia. A leitura é realizada por mim, por eles ou por nós, com o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura e a fluência. Os jogos são escolhidos considerando a necessidade afetiva, emocional e cognitiva dos alunos. As intervenções acontecem com intuito de ajudá-los a questionar, encontrar outras possibilidades, elaborar estratégias, levantar hipóteses, lidar com perdas e vitórias, desenvolver competitividade saudável, lidar com limites, frustração, respeitar combinados e regras.



Foto: Andréia Alves Teixeira

### *Alfabetização com jogos*

Todos os momentos são oportunidade de mobilizar (tornar móvel) a cristalização de lugares e jeitos de ser, de estereótipos. O aluno que “nada sabe” vai mostrando o que sabe; o mais “lento” percebe que deve ser respeitado em seu tempo; a criança “agressiva” aprende que o jogo só pode acontecer se houver respeito; todos, até mesmo os mais “apáticos”, contaminam-se pela proposta. Orientações e trocas com os professores das salas regulares se fazem necessárias e ocorrem a todos os momentos.

Os alunos permanecem no projeto até apresentarem condições de serem incluídos de fato na turma a que pertencem e tenham competências mínimas para acompanhar o currículo comum da série/ano em que estão. Muitos deles precisarão de reforço escolar para minimizar a defasagem e, por vezes, o abismo que se criou ao longo de sua vida escolar. Agora, porém, compreendem que as pessoas são diferentes, que precisam existir maneiras diferentes de ensinar, que não são incapazes de aprender, que é possível serem ouvidos e darem opiniões. Estão fortalecidos, orgulhosos de si, as relações mudaram, a maneira de se colocar e ser dentro do ambiente escolar mudou.

De acordo com a definição de saúde mental apresentada no início deste relato, é possível dizer que seguirão muito mais saudáveis em sua trajetória escolar, e por que não dizer, em suas vidas como um todo!